

A MACONDO DE ‘GABO’: A ARCÁDIA HISPANO-AMERICANA PELA ÓTICA DA ONOMÁSTICA FICCIONAL

Amanda Kristensen de Camargo ¹

RESUMO

Gabriel Garcia Márquez (Gabo) deixara claro que, antes que suas personagens caminhassem com seus próprios pés, era preciso que tivessem um nome que se identificasse com seu modo de ser. Para melhor localizar a identificação determinista entre nome próprio e referência ficcional para Gabo, propomos descrever de que forma a nomeação, seja de lugares (topônimos ficcionais) seja de personagens (antropônimos ficcionais) naturaliza o maravilhoso e ultrapassa o lugar de Macondo enquanto cidade ficcional, permitindo sua alegorização enquanto Arcádia Hispano-americana. Tal alegoria faz-se marcada, principalmente, pelo sobrenome de seu fundador: José Arcadio Buendía e pela dupla motivação toponímica (social e ficcional) para nomeação de Macondo, relação onomínica que focalizaremos pela ótica da Onomástica Ficcional – estudo dos nomes próprios ficcionais – a fim de exemplificar o átrio do nascimento de Macondo, cidade sem frutos, acabada em si mesma, e seu desaparecimento apocalíptico chancelado pela referência antroponímica de Aureliano Babilonia: mescla de perecimento toponímico-ficcional e da imortalidade enciclopédico-literária de Macondo.

Palavras-chave: Onomástica Ficcional, Gabriel Garcia Márquez, Macondo, Nomes ficcionais.

INTRODUÇÃO

Quem já passou pelas cidades de Lisboa, em “Os Maias”, pela região Hanseática alemã em “Os Buddenbrook”, ou talvez pela Verona renascentista de “Romeu e Julieta” dentre tantas outras regiões geográficas que marcaram a literatura clássica universal, poderia chegar à conclusão de que nada mais dentre a cartografia literária poderia lhe seduzir, mas este árduo leitor exasperar-se-ia com Macondo... Ma-con-do, três sílabas, assim se dividem, tímidas; não referenciam endereço físico, são puro significante toponímico a ser significado na obra de Gabriel Garcia Márquez.

Antes, porém, que “Macondo” se fizesse topônimo literário, ou seja, nome de um povoado literário, sem identificação toponímica de mesma valia em sociedade², a

¹ Mestra em Letras (2018) e Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Em “Viver para Contar” (2003), Gabriel Garcia Márquez menciona o fato de, na infância, ter conhecido uma fazenda chamada “Macondo”, porém não se tratava de uma cidade ou povoado; logo, ambos

seleção lexical de Gabo para fundar um mito arcádico em torno de um significante que determinasse o maravilhoso e localizasse os agentes ficcionais dialógicos com tal estética passou por um período de reflexão cujo resultado linguístico final nutria-se da memória individual do autor. Fora da infância que Gabo recuperara “Macondo” – nome da única fazenda bananeira assimilado durante um passeio de trem com sua mãe (MÁRQUEZ, [2002] 2003) – e mesmo já o tendo utilizado em obras anteriores, dado sua constância autofágica, é somente mediante o enredo de “Cem anos de solidão” (MÁRQUEZ, 1967), que a narração motivacional para o nome da aldeia traz o maravilhoso necessário ao seu status de “éden”, de natureza intocada³ (BORGES FILHO, 2007) para contemplar um cotidiano de lendas vivido por personagens que suportassem personificá-las.

Quando os primos incestuosos José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán – acompanhados de amigos encantados com a possibilidade de aventura – decidem sair de Riohacha⁴ para superar a perseguição da assombração de Prudêncio Aguiar⁵, a intenção primeira era apenas seguir rumo à região contrária inicial. Após quatorze meses, porém, chegaram à parte ocidental de uma serra nunca antes vista: “imensa planície aquática do grande pântano, espreada até o outro lado do mundo” (MÁRQUEZ, 1967, p.28); sem nunca encontrar o mar, resolveram, após andar vários meses perdidos, acampar às margens do grande rio que os acompanhava há tempos. Foi na noite do acampado que José Arcadio Buendía sonhara com o significante “Macondo” “[...] nome que nunca tinha ouvido, que não possuía significado algum, mas que teve no sonho uma ressonância sobrenatural” (MÁRQUES, 1967, p. 29), fazendo-o, portanto, ordenar que derrubassem as árvores e fizessem clareira junto ao rio e foi assim que, “no lugar mais fresco das margens fundaram a aldeia” (MÁRQUEZ, 1967, p. 29).

A construção imediata do significante “Macondo” motivada por um sonho de José Arcadio Buendía e sem significado algum, porém com ressonância sobrenatural, premedita a interação maravilhosa dos recém-habitantes com a aldeia e, misturada às próprias impressões “sobrenaturais” infantis do autor e adultas quanto ao significante –

topônimos propõem referentes diferenciados: o primeiro físico, uma fazenda; o segundo literário, uma cidade. Essa questão será retomada ao longo do texto.

³ Entende-se por “natureza” “[...] espaços não construídos pelo homem. Espaços tais como: o reio, o mar, o deserto, a floresta, a árvore, o lago, o córrego, a montanha, a colina, o vale, a praia, etc” (BORGES FILHO, 2007, p.48-49)

⁴ Topônimo histórico referente à cidade mais setentrional da Região Caribe de Colômbia.

⁵ Personagem assassinada por José Arcadio Buendía devido à ridicularização da não consumação do casamento entre Úrsula Iguarán e José Arcadio Buendía.

palavra associada a um “[...] vento ardente e seco, revoltoso como o estrépito dos velhos vagões ao apito apavorado da locomotiva (MÁRQUEZ, 2003, s.p) e posteriormente percebida como ressonante poética, nome de uma árvore sem flores e frutos e etimologia condizente com um povo errante *Makondos*; (MÁRQUEZ, 2003) – homogêneiza, em “Cem anos de solidão” a tríade mítico-maravilhosa: referência linguística “sobrenatural”, referente geográfico-maravilhoso determinista e habitantes ficcionais conviventes com o sobrenatural sem que este gere inquietamentos físicos (medos) ou psicológicos (dúvidas), bem como qualquer tipo de estranhamento aos leitores, já que o maravilhoso está no real (CHIAMPI, 1980).

Essa “homogeneização” se dá, mediante a atmosfera interacional realista-maravilhosa, na qual, além do fundador de Macondo, José Arcadio Buendía – personagem associada pelo antropônimo ao José bíblico, filho de Jacó (MILLER, 1974, p.67, tradução da autora) e a seus respectivos sonhos proféticos (GÊNESIS, 37:5) – resta inserir as demais personagens, apresentando-as e determinando seu estado psíquico ressonante ao ambiente maravilhoso (BORGES FILHO, 2007), fenômeno que se inicia pela pré-determinação comportamental do antropônimo ficcional associada às possibilidades onomásticas do topônimo “Macondo”: dimensão sobrenatural, árvore sem frutos e povo nômade, concretizando, por extensão semântica, o destino da família Buendía e da terra: efêmero e sem frutos, devido ao ciclo antinatural (NIETZSCHE, 1992) incestuoso.

Logo, os nomes ficcionais, em “Cem anos de solidão” agem para a construção harmônico-maravilhosa entre significante, referente e estética literária, interação brevemente exposta e que pretendemos aprofundar, mediante revisão bibliográfica atrelada às possibilidades analíticas que nos oferece a Topoanálise, enquanto investigação do espaço ficcional, e a Onomástica Ficcional: o estudo dos nomes próprios ficcionais – sejam antropônimos ou topônimos ficcionais, respectivamente, nomes próprios de personagens e de lugares.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentada a relação determinista de Macondo para a construção também maravilhosa das personagens e seus respectivos nomes ficcionais, e antes que se focalize, por meio de um recorte antroponímico – imposto pela extensão deste estudo –

de que forma os sobrenomes Arcadio e Babilonia instauram o início e o fim do “mito macôndico”, cabe ressaltar que, por meio de ampla revisão bibliográfica quanto aos nomes ficcionais atrelados à análise literária da obra *Cem anos de solidão*, fora perceptível rica e diversa literatura quanto à busca pela descrição de um fenômeno antroponímico-ficcional relacionado à antroponímia⁶ familiar na obra “Cem anos de solidão”: a repetição de prenomes ficcionais de personagens associada ao destino trágico, que se delinea na perspectiva da matriarca Úrsula Iguarán:

Na longa história da família, a tenaz repetição dos nomes permitira que ela [Úrsula] tirasse conclusões que lhe pareciam definitivas. Enquanto os Aurelianos eram retraídos, mas de mentalidade lúcida, os Josés Arcádios eram impulsivos e empreendedores, mas estavam marcados por um signo trágico (MÁRQUEZ, 1967, p.177 -178).

Apesar de essa repetição de nomes ficcionais figurar – de acordo comum entre os pesquisadores visitados, como em Forgiarini (2007), Torre, (2017) entre outros – analogia ao eterno retorno de Nietzsche (1992; [1884] 2000), é a literatura onomástico-ficcional (CAMARGO, 2019, 2020a, 2020b) que dá nome a esse fenômeno de ordem antroponímica, demonstrando que o signo literário assimila – em variadas estéticas – a “[...] a superstição [popular] de que o nome exerce ou poderá exercer influência na pessoa que o traz ou na sua vida”, o que Guérios (1977, p.20) chama de Onomatômância. Logo, a repetição de nomes em “Cem anos de solidão” associa-se a uma crença linguística irracional e tem por objetivo na obra literária em questão não só propor a repetição de comportamentos familiares, mas insinuar o futuro aniquilamento da estirpe Buendia oriundo de consumações incestuosas repetidas já mencionadas, fato que, uma vez compreendido, adiciona à estética maravilhosa de Gabo, traços da tragédia – pela desmedida associada à sabedoria dionisíaca e antinatural do incesto – e do mito, pela perspectiva do eterno retorno (ELIADE, [1983] NIETZSCHE, 1881; [...], 2000).

Acrescida à estética maravilhosa, pela ótica da Antroponomástica Ficcional, a relação entre a onomatômância e a face trágico-mítica da obra de Gabriel Garcia Márquez, cabe-nos, devido ao não aprofundamento teórico quanto aos nomes não transparentes em língua portuguesa⁷, perceptível mediante revisão bibliográfica,

⁶ Conjunto de nomes próprios de pessoas.

⁷ Um nome transparente é aquele cuja significação lexicológica é facilmente recuperada, como Mel, Sol, Cristal, entre outros; nomes, cuja significação lexicológica se faz opaca só podem ser semanticamente retomados mediante sua etimologia, como em Bernardo: “forte como urso” (GUÉRIOS, 1973, p.67).

explicitar, principalmente, a relação da nomeação do patriarca da família ficcional, mais especificamente, seu sobrenome: “Arcadio Buendía⁸” à junção entre mito e realismo-maravilhoso, uma vez que sua etimologia “ARCÁDIO, lat. Arcadius, Gr. Arkádios. Da Arkádia, terra dos Arkádes, “homens-ursos” (GUÉRIOS, 1973, p.57)” corrobora a instauração de uma “nova arcádia” (MILLER, 1974, p.73), ou seja, uma terra idealizada. Em sua origem:

Arcádia é uma região pobre e seca da Grécia, no Peloponeso; região mítica celebrada na poesia pastoral do Mundo Antigo. O nome deste local provém da personagem mitológica Arcas, filho ilegítimo de Zeus e da ninfa Calisto, a qual, Hera – consorte oficial de Zeus – transformou num urso por ciúmes. Arcas tentou caçar esse urso e Zeus interveio, transformando ambos - mãe e filho – nas constelações, chamadas, Ursa Maior e Ursa Menor. Na arte e literatura este lugar do imaginário de pureza e ambiente idílico, encontrava-se habitado por uma população, historicamente isolada do resto do mundo, que vivia de acordo com uma proverbial simplicidade, na invariável condição de pastores. Na sua gênese remota, a Arcádia deveria parecer representar uma genealogia bastante diferente da utopia. Porém, o seu carácter idealizado foi sendo construído de forma dinâmica ao longo do desenvolvimento do próprio conceito da Paisagem (LOUREIRO, 2013, p.34).

A arcádia de Gabo, “Macondo”, retoma, pois, a região grega do Peloponeso, “[...] isolada e interseccionada por montanhas e proverbial, por sua simplicidade rural [...] similar na geografia e na solidão psicológica” (MILLER, 1974, p. 67, tradução da autora), bem como a referência antropomórfica atrelada ao mito grego: o urso, tendo sido fundada pelos incestuosos homem-urso e sua Úrsula – “Lat. Ursula, dim. De Ursa: ursinha” (GUÉRIOS, 1973, p. 209) sobre os quais pairava, para além desse antropomorfismo inicial, a antiga lenda familiar da possibilidade de herdeiros nascidos com rabo de porco, antropomorfismo último que perpassa por toda a narrativa e premedita a degenerescência fisiológica (SOUZA, 2015) comum à prática incestuosa dos Buendía; porém, são libertas dessa “maldição”, entre Aurelianos e Arcádios, desde a primeira até a sexta geração, fazendo-se a lenda materializada no nascimento do filho de Amaranta Úrsula e Aureliano Babilonia: sexta geração, tia e sobrinho que se entregam ao ciclo passional familiar e geram o último Aureliano cujo fim é ser levado, rabo de porco e criança, pelas formigas do jardim.

No momento em que Aureliano Babilonia vê seu filho morto: “pelanca inchada e ressecada que todas as formigas do mundo iam arrastando trabalhosamente para os seus

⁸ Não focalizaremos a análise desse *onoma*. Para Miller (1974, p.67), o nome remete sonoramente à expressão “bom dia”.

canais pelo caminho de pedras do jardim” (MÁRQUEZ, 1967, p. 392) revela-lhe a epígrafe dos pergaminhos de Melquíades, cigano sábio que acompanhara o desenvolvimento de Macondo: “O primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo comido pelas formigas” (MÁRQUEZ, 1967, p.392). O sobrenome “Babilonia” pertencente a Aureliano retoma, portanto, o topônimo da Babilônia bíblica, enquanto ausência de ordem, de regras, grande confusão e desordem⁹, sumarizando, em Aureliano, a Macondo desordenada e esquecida pelos “estrangeiros”, após o massacre das bananas¹⁰, determinando, ainda, à personagem decifração da confusão linguística dos pergaminhos “em sânscrito, em código privado do imperador Augusto e códigos militares lacedemônios” (MÁRQUEZ, 1967, p. 393), bem como delineando o retorno ao ponto inicial do mito: a retomada da origem geográfica de Melquíades, já que “[...] a origem de Melquíades é considerada a Babilônia, uma parada ponto sobre as viagens dos ciganos após o êxodo da Índia” (MILLER, 1974, p. 70, tradução da autora).

É apenas nas últimas páginas do romance que personagem e leitor descobrem que Melquíades era escriba de todo o mito; logo, ente ficcional orquestrador do ponto inicial e final das constantes desmedidas contidas em “Cem anos de solidão”; Melquíades era, como determina o próprio antropônimo ficcional¹¹, aquele que detinha “[...] um poder [...] inédito (MILLER, 1974, p.70, tradução da autora)” e, por consequência, o conhecimento de que Macondo – a cidade dos espelhos – quebrar-se-ia:

[...] a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilonia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrecorrível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra (MÁRQUEZ, 1967, p. 394).

⁹“**RADICAL HEBRAICO B-B** – e variações – para expressar confusão e outros significados análogos (entre parêntesis, provável data e idioma de primeiro registro documentado em dicionários etimológicos) 5 babel – (XVII) confusão de vozes ou de línguas, desordem, tumulto, algazarra ; babelizar – confundir, balburdiar ; babelismo – ocorrência de numerosas línguas; babélico – (1899 no francês *babélique*) caótico, confuso, desordenado” (VILELA, s.d).

¹⁰ O massacre das bananas descrito em “Cem anos de solidão” fora experienciado por Aureliano Segundo e desacreditado por toda a população. O episódio narrado enquanto a morte de mais de três mil homens encurralados que faziam greve, exigindo direitos básicos trabalhistas à empresa bananeira, retoma o episódio histórico ocorrido em 6 de dezembro de 1928, em Aracatoca, quando Cortés Vargas – general colombiano – ordenou que os trezentos soldados abrissem fogo contra a multidão pacífica, trabalhadores da United Fruit Company reunidos em volta de uma praça à espera de um acordo prometido.

¹¹The name 'Melquialdes' perhaps has its origin in the Second Century religious heresy of Theodotus; who affirmed that Melchisedech was [...] a heavenly power, unbegotten[...]" (BLUNTT, 12..&.:li., p . 304 apud MILLER, 1974, p.70). “O nome Melquíades talvez tenha sua origem no segundo século, na heresia de Theodoro, quem afirma que “Melchisedech” tinha um poder celestial, inédito” (Tradução da autora).

O nome da personagem Melquíades sumariza¹² (DEBUS, 2004) a figura elaborada por Gabo: cigano misterioso e vencedor de pragas e guerras por anos demasiadamente longos, dando-lhe face maravilhosa capaz de torná-lo o engendrante do mito. A associação determinante entre nome e personagem se repete, por sua vez, com a maioria das personagens em “Cem anos de solidão”, materializando-se, porém em funções onomínicas distintas. Diniz (2009), em sua tese de doutoramento, afirma que o nome em “Cem anos de solidão” ora é designativo do ser, como ocorre com a personagem “Santa Sofía de la Piedad”, em que “[...] sua existência é configurada consoante ao próprio ser” (DINIZ, 2009, p.83) entre epítetos – “santa” e , portanto, virgem; e “piedade”, fazendo-a digna de compaixão”; ora é a tradução do ser, o que, para autora (DINIZ, 2009), ocorre na nomeação de “Remédios, a bela”, uma vez que o nome escolhido pela matriarca Úrsula retoma sua nora falecida na meninice – Remédios – “imprimindo por osmose” os atributos da tia avó.

Os apontamentos da autora são muito pertinentes, e ambos: designação e tradução “osmótica” são movimentos comuns ao sistema de nomeação de Márquez, que procura instaurar dualismos pelo nome ficcional para depois, formado o nome dual da personagem, rompê-los mediante a elaboração de um entrelugar comportamental crítico e inverossímil às sociedades presas a correntes dualistas, dando à personagem contornos necessários ao maravilhoso e ao mítico pelo inverossímil apresentado. O primeiro processo traduzido pela autora (2009) enquanto “designação” aproximar-se-ia, pela ótica da Onomástica Ficcional, de uma função antitética (CAMARGO, 2018), porém em uma ótica relacionada não ao signo onomástico e à referência ficcional – quanto ao seu significado etimológico (ou conotativo) e comportamento, como já teorizado por Camargo (2018) – mas a um entrelugar identitário-ficcional da personagem significado pelo próprio signo antitético, tratando-se, pois, de uma antítese na ordem do signo e de uma sumarização inverossímil na ordem comportamental.

Ambos os comportamentos das personagens: “Santa Sofía de La Piedad” e “Remédios, a bela”, dialogam com a dialética entre a face sacra e pecadora comum à mulher descendente dos Buendía, “Sofía”, por seu estado inicial virgem e posterior prostituição; e “Remédios, a bela, por sua beleza perversa mesclada a uma ingenuidade

¹² Debus (2004) considera que uma das funções do *onoma* é caracterizar a personagem, relacionando tal caracterização ao comportamento, o que chamamos de sumarização.

geradora de tamanha alienação social que acaba por fazê-la ascender ao céu devido à sua extrema bondade que não dialoga com o comportamento pecador mundano, acrescentando-se a esta última resquícios sumarizadores onomatômicos da pureza infantil da tia avó.

Não focalizaremos a nomeação de todas as personagens da obra, pois este estudo se faz inicial em propor um diálogo teórico-onomástico com a literatura que enfatiza o sistema de nomeação na obra sem, por outro lado, utilizar-se da bibliografia científico-onomástica. Cabe-nos, em nossa limitação, reafirmar, pois, a relação da nomeação das personagens à construção identitário-maravilhosa e mítico-determinista do topônimo “Macondo”. Dessa forma, o comportamento passivo das personagens ao maravilhoso tem seu cerne na própria nomeação inverossímil, harmonizando-se, por último ao diálogo geográfico proposto entre Macondo, Aracataca e toda a América Latina, regiões onde a contação de causos e lendas são comuns e, inclusive, fizeram parte da colcha de retalhos-maravilhosa de Gabo enquanto ouvinte do avô coronel liberal: Nicolás Ricardo Márquez Mejía e da avó supersticiosa: Tranquilina Iguarán¹³ Cotes.

O isolamento inicial de Macondo e sua natureza intacta auxiliam na manutenção do maravilhoso e dialogam mimeticamente, por seu turno, com a condição não-colonial e maravilhosa inicial da América Latina, posteriormente colonizada por intenção de extração dos elementos naturais e mão de obra, ações devastadoras da paisagem inicial e da relação harmônica entre o homem e o espaço, infiltrações em Macondo que se percebem desde a construção da Estrada de Ferro, até a vinda da Companhia Bananeira; esta, por último, associada à destruição da arcádia e à dependência econômica e cultural – até mesmo literária em meados de 90 – da América Latina aos “centros-fonte” que Gabo alegoriza criticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não só conviverem com o maravilhoso, mas de também o motivarem, como “Remédios, a bela”, que ascende ao céus e o patriarca “José Arcadio Buendía”,

¹³ A aproximação de Úrsula, matriarca da família Buendía e Tranquilina, avó de Gabriel Garcia Márquez é chancelada por homonímia, ou seja, pronomes idênticos. Neste estudo, devido à pesquisa espacial, tal homonímia não será detalhada.

cuja morte gera chuva de flores amarelas, as personagens de “Cem anos de solidão” são, em sua maioria, repletas de realismo crítico, rompendo criticamente jogo dualísticos já mencionados propostos por Gabo: inocência x pecado, religião x ceticismo e, principalmente, memória coletiva falsa, como exemplificado no massacre das bananas, considerado pelo coletivo fato sem nenhuma morte, em detrimento de uma memória individual: a morte de três mil homens experienciada por Aureliano Segundo, herdada por Aureliano Babilônia e compartilhada por seu colega Gabriel¹⁴; logo, ainda que rumem à força centrípeta-trágica dos pergaminhos de Melquíades, as sete gerações vindouras de Úrsula e José Arcadio são entes trágicos em um *continuum*; estão entre Prometeu¹⁵, herói trágico da atividade, do pecado ativo, e Édipo¹⁶, ignorante trágico de sua Moira (destino) (NIETZSCHE, 1992). Nesse interim determinado pelos escritos de Melquíades e pela escolha ciente de repetir comportamentos incestuosos, há certa sabedoria dionisíaca que ronda a extinção dos Buendia, familiares que mesmo orquestrados por pergaminhos míticos agem, em sua individualidade, em prol de um destino trágico anti-natural.

Gabriel Garcia Márquez, enquanto artesão de uma colcha de retalhos literária, de fato, realista maravilhosa – na qual não há quaisquer inquirições ou dúvidas sobre a dimensão maravilhosa – apresenta, mediante a escolha da nomeação das personagens ora histórica, ora mítica, ora etimologicamente motivada (MILLER, 1974) heteronímia transparente da mistura equilibrada entre a mímese da América Latina, o diálogo com as lendas latino-americanas e a universalidade do mito, edificando a significação de “Macondo” enquanto arcádica édnica cujo apogeu está na ausência da ideia de fronteira (BORGES FILHO, 2007) de poder e de instituição e cujo cáustico está no oposto desse paradigma, determinado linguisticamente por Aureliano Babilônia e explicitado no enredo pela Companhia Bananeira, panteônimo ficcional que retoma a “United Fruit Company”, este, por sua vez, panteônimo histórico, relacionado, sócio-historicamente, à intervenção estadunidense em Aracataca e em toda a América Latina.

¹⁴ A personagem Gabriel configura homonímia com o autor da obra “Cem anos de solidão” intensificando a vivacidade da memória de Gabo quanto ao massacre dos grevistas da companhia de bananas construída dialogicamente com o avô liberal.

¹⁵ Personagem principal da tragédia grega, escrita por Hesíodo, “Prometeu Acorrentado”, que gira em torno do castigo dado por Zeus a Prometeu, em decorrência deste último ter roubado o fogo dos deuses e o ter compartilhado à humanidade. Ressalta-se a liberdade da personagem em oposição à passividade de Édipo, “marionete” de seu destino determinado pelos deuses.

¹⁶ Édipo é a personagem da tragédia grega escrita por Sófocles, “Édipo rei”, que, destinado pelos deuses a casar com sua mãe e a matar seu pai, acaba furando os próprios olhos quando tem conhecimento do incesto e parricídio. Édipo é, pois, a personificação da passividade humana.

Assim como a identidade das personagens se constroi sob tensões dialético-antroponímicas quanto a moralismos universais, a identidade da Macondo ramifica-se alegoricamente ao continente latinoamericano por entre analogias negativas de isolamento e extrativismos infindos, bem como positivas de uma atmosfera realista-maravilhosa inicialmente utópica.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA ONLINE. Gênesis 37. Disponível em: <
<https://www.biblionline.com.br/acf/gn/37/5+>>. Acesso em 04 ago. 2020.

CAMARGO, A. K. de. Onomástica Ficcional. **Revista GTLex**, 3(1), 120-132, 2020a.

CAMARGO, A. K. de. Nomeação e Espacialização como agentes do trágico em “Os Maias”. **Onomástica desde América Latina**. v 1, n 2, 2020b.

CAMARGO, Amanda Kristensen de. Nomes próprios no romance contemporâneo O berro do Cordeiro em Nova York: um estudo onomástico exploratório. 2018. 138 f. **Dissertação** (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2018.

BORGES FILHO, O. Espaço e Literatura: **Introdução à toponálise**. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.

CHIAMPI, I. **O realismo maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DEBUS, F. **Namen in literarischen Werken**. (Er-)Findung - Form - Funktion, Stuttgart, 2002.

DINIZ, A. M. A catalisação do feminino no universo da ficção e na memória. 2009. **Tese**. (Doutorado em Letras). Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FORGIARINI, N. T. A. Intertextos míticos em Cem anos de solidão. 2009. **Dissertação**. (Mestrado em Letras). Universidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen.

GUÉRIOS, M. **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1973.

LOUREIRO, C. P. Desenho da Arcádia – a paisagem utópica. A sua permanência na prática da intervenção arquitetónica atual. 2013. **Tese**. (Doutorado em Belas Artes). Faculdade de Belas Artes - Universidade de Lisboa, Alvalade.

MÁRQUEZ, G. G. **Viver Para Contar**. Trad.: Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Trad.: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MILLER, J. C. Onomatology of Male Characters in the One Hundred Years of Solitude of Gabriel Garcia Marquez. **Literary Onomastic Studies**, v 1, article 10, 1974.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1884] 2000.

TORRE, M. M. C. Literatura, história e memória em Gabriel García Márquez: Cem anos de solidão, O general em seu labirinto e Outono do patriarca. 2017. **Tese**. (Doutorado em Estudos Literários). Estudos Literários da Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

SOUZA, SOUZA, Gustavo Ramos de. A fortuna crítica de Thomas Mann no Brasil. Carpeaux e Rosenfeld. **Em Tese**. 21 (1), 2015.

